

PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA:
RELATOS PESSOAIS



**PPG LETRAS UFRGS
50 ANOS DE UMA HISTÓRIA: RELATOS PESSOAIS**

PET Letras (orgs.)



2022

Direito autoral:

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Todos os direitos desta edição reservados à Editora Noctua. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995.)

Conselho Editorial Noctua

Amanda de Campos Cerioli

Amanda Fernandes Alves

Bianca Gomes Martins

Brenda Mensch

Ediele Maria Rodrigues de Lima

Felipe Pergher

Gabriela Di Diego

Gabriel de Ávila Othero

Gabriele Pergher

João Manoel Pinto Alves

João Vicente Cardoso Kohem

Natália Fernanda Silveira da Pureza

Pietra Rafaela Antunes Krug

Coordenação editorial: Gabriel de Ávila Othero

Revisão ortográfica: PET Letras

Capa: Amanda Fernandes Alves

Foto: Acervo História do Instituto de Letras UFRGS

Projeto gráfico e diagramação: Rose Tesche

1ª edição em 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

PPG Letras UFRGS : 50 anos de uma história : relatos pessoais / PET Letras, (orgs.) ; [coordenação Gabriel de Ávila Othero]. -- Porto Alegre, RS : Editora Noctua, 2022.

ISBN 978-65-00-48157-0

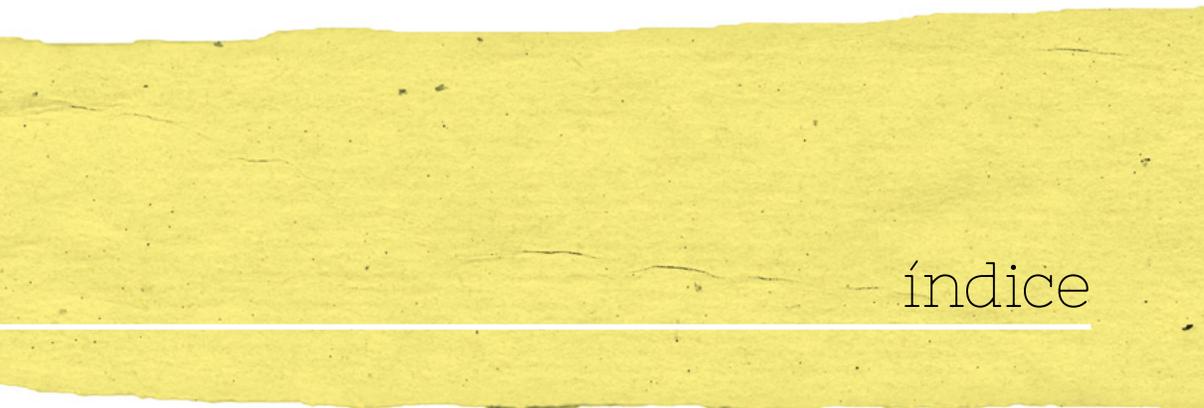
1. Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - História 2. Professores - Relatos I. PET Letras.
- II. Othero, Gabriel de Ávila.

22-116827

CDD – 378.155098165

Índices para catálogo sistemático:

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul : Programa de Pós-Graduação em Letras : História 378.155098165 Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



índice

007	Prefácio
011	Anamaria Welp
027	Antonio Sanseverino
041	Carina Rebello Cruz
047	Carmem Luci da Costa e Silva
059	Elaine Indrusiak
085	Elisa Battisti
095	Gabriel de Ávila Othero
103	Ingrid Finger
117	Lucia Sá Rebello
125	Luciana Vinhas
139	Luís Augusto Fischer
185	Luiz Carlos Schwindt
191	Márcia Ivana Lima e Silva
209	Maria da Glória Bordini
213	Michael Korfmann
227	Silvana Silva
235	Simone Sarmento
257	Ubiratã Kickhöfel Alves
285	Valdir do Nascimento Flores



luciana vinhas

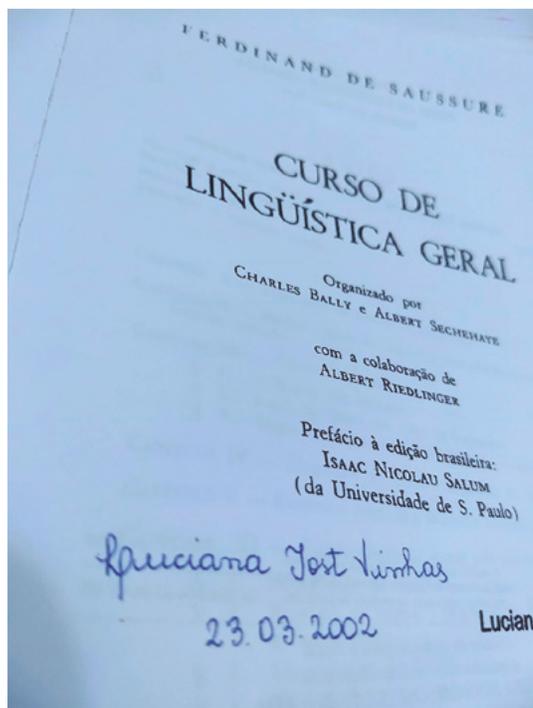
Possui graduação em Letras-Português e Inglês (2005) pela Universidade Católica de Pelotas e Mestrado em Letras (2009) pela mesma instituição. É Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014), onde defendeu tese intitulada "Discurso, corpo e linguagem: processos de subjetivação no cárcere feminino". É professora adjunta de Língua Portuguesa no Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas (DECLAVE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e, também, no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPel. Tem experiência na área de Linguística, trabalhando com a Análise Materialista de Discurso, conforme desenvolvida por Michel Pêcheux. Suas pesquisas envolvem as temáticas do corpo, da prisão e do político/política. Coordenou projeto de extensão de remição de pena pela prática da leitura no Presídio Regional de Pelotas e, com base nas reflexões do projeto de extensão e da pesquisa em torno das questões penitenciárias, escreveu o livro "O impossível da existência: prisão, mulheres e classe", publicado pela

Editora Pedro & João (2021). Atualmente, é coordenadora adjunta do projeto de extensão “Palavramundo (educação em contextos de privação de liberdade)”, realizado na APAC-POA. É líder do grupo de pesquisa Ordinário do Sentido e Resistência (OuSaR/CNPq). Também participa dos grupos Estudos Pecheutianos (UNIPAMPA), Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (UFPEL), Oficinas de Análise do Discurso: Conceitos em movimento (UFRGS) e GELIDES - Grupo de Pesquisa na articulação Língua, Direito, Estado e Sociedade (IFSul). Em 2021, iniciou Doutorado em Letras, na área de concentração de História da Literatura, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). É membra da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e do GT de Análise do Discurso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Foi docente efetiva nos Cursos de Letras das IES Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Realeza (2010 a 2014), Universidade Federal do Rio Grande (2014 a 2016) e Universidade Federal de Pelotas (2016 a 2021). E-mail: luciana.vinhas@ufrgs.br. Textos completos: <https://ufrgs-br.academia.edu/LucianaVinhas>.

a constituição da área da Análise do Discurso (AD) no Brasil passa necessariamente pela história da AD na UFRGS. A decisão pela realização tanto do meu Doutorado no PPGLetras quanto do concurso docente para a instituição se deu em função da posição de destaque que a UFRGS ocupa no campo dos estudos em AD, espaço conquistado pelas professoras que compõem o quadro docente do Instituto de Letras e trabalham com a teoria há cerca de 30 anos no PPG.

Embora o primeiro parágrafo deste texto possa ter parecido extremamente formal, quis pontuar, já de início, algo que precisa ser registrado e reconhecido pela comunidade acadêmica da UFRGS, principal motivo da minha procura pelo PPGLetras quando decidi me inscrever no Doutorado. O que se diz por aí, pelos corredores das principais universidades do país, é que a AD na UFRGS é forte e está dentre as mais importantes referências institucionais na área. Vou tentar, daqui para a frente, diminuir as formalidades e expressar, de forma simples e objetiva, os principais elementos que configuram a minha chegada à UFRGS e, mais especificamente, ao PPG.

Eu ingressei no curso de Letras-Português e Inglês da Universidade Católica de Pelotas no ano de 2002 (há exatos 20 anos!). Cabe aqui um registro do início da minha trajetória acadêmica, no tempo em que eu ainda tinha o costume de colocar o meu nome e a data de compra dos meus livros na primeira página.



Quando entrei no curso, eu não tinha certeza do caminho profissional que eu desejava trilhar, mas as coisas foram tomando forma ao longo daquele ano. A única coisa que eu sabia era que eu queria ser professora e que eu gostava de ler. A literatura foi um caso mal resolvido, mas vou falar sobre isso mais tarde. Logo após ingressar no

curso, comecei a participar de dois projetos de pesquisa como pesquisadora de iniciação científica, mas nenhum deles tinha a ver com a AD. Foi somente no meu segundo ano de graduação que conheci a teoria, pois passei a ter aulas com a professora Aracy Ernst na disciplina de Teoria e Prática da Leitura. Junto com isso, ingressei, em 2003, no curso de Psicologia, e foi aí que comecei a entender por onde eu gostaria de me especializar. A psicanálise estudada na Psico, aliada às várias “dicas” que a Aracy dava nas suas aulas, foram me abrindo os olhos para um campo totalmente novo. – Eu falei que a Aracy dava “dicas” porque a aula de Teoria e Práticas da Leitura não era sobre AD, mas, como todo professor de Análise do

Discurso sabe, as questões discursivas sempre se fazem presentes, de uma forma ou de outra, nas nossas práticas docentes.

Então, já no início dos anos 2000, eu tive a grande oportunidade de tomar conhecimento sobre a AD na minha graduação. Eu não tive uma disciplina específica de AD no currículo, mas, desde meu segundo ano no curso, já sabia que a teoria articulava linguística e psicanálise e que eu, de alguma forma, deveria saber mais sobre isso. Eu ainda não sabia como isso aconteceria, pois participava de um projeto de pesquisa na fonologia (aquisição de consoantes complexas do inglês por falantes nativos de português pela perspectiva teórica da Teoria da Otimidade) e na linguística aplicada (identidade do futuro profissional de Letras pela perspectiva bakhtiniana), mas fui, aos poucos, amadurecendo a ideia em minha cabeça e aprendendo o que podia sobre outras possibilidades no meu campo do conhecimento.

Em 2005 veio a formatura em Letras. Apesar de, no ensino superior, eu sempre ter atuado na área de língua portuguesa, sou formada em português e em inglês. Meu início de carreira foi marcado por muitas aulas de inglês em cursinhos de Pelotas, onde, posso dizer, fui me preparando para a sala de aula universitária. Enquanto trabalhava com o ensino de língua inglesa, entrei no mestrado, em 2006, na Universidade Católica de Pelotas, onde, após muita reflexão, acabei desenvolvendo projeto na linha de pesquisa Texto, Discurso e Relações Sociais. Eu disse que essa escolha envolveu muita reflexão porque, mesmo sabendo da minha imensa vontade de trabalhar no âmbito da Análise de

Discurso, ainda tinha grande interesse pelos estudos formais. Foi com essa dupla vontade que acabei decidindo criar um projeto que articulasse os dois campos, e, para isso, fui orientada pela Profa. Dra. Aracy Graça Ernst e pela Profa. Dra. Giovana Ferreira Gonçalves em um projeto que aliou a semântica discursiva à teoria da otimidade conexcionista.

A defesa aconteceu em 2009, com atraso; afinal, eu conciliei a produção da dissertação com as aulas de inglês e aulas na Universidade Federal de Pelotas como professora substituta. Trabalhei, em 2007 e em 2008, como substituta na UFPel (e todo mundo sabe que a carga horária de ensino de professores substitutos não é baixa!). Antes de concluir o mestrado, contudo, é importante falar sobre um *turning point* ocorrido no primeiro semestre de 2009, quando estava finalizando a minha dissertação. Foi um acontecimento que acabou se transformando em um ponto definidor da minha vida acadêmica: fiz uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS como aluna especial. A disciplina se chamava Fundamentos em Análise do Discurso e era ministrada pela Profa. Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira. Eu morava em Pelotas e, toda semana (nas quintas-feiras) eu pegava o ônibus às 7h para participar das aulas da Profa. Kitty à tarde e retornar para Pelotas à noite. Disse que essa experiência foi um ponto definidor da minha vida acadêmica, pois, a partir dela, pude delimitar algumas perspectivas de futuro (como veremos a seguir).

O meu primeiro encontro com o PPG da UFRGS se deu, então, no outono de 2009, quando conheci o Campus do Vale, a Kitty e

uma vida universitária muito diferente daquela que eu tive em Pelotas. A vida universitária em um Campus como o Vale me rendeu outra vivência acadêmica, uma vivência de espaço diferente, com pessoas de vários lugares do país, com uma outra relação com a urbanidade e com os colegas, de outros cursos, inclusive. Além dos colegas da Letras, tínhamos a presença de estudantes do Jornalismo e da História, o que rendia muitos debates interessantes. A professora Kitty sempre nos colocou de forma ativa no processo nas interlocuções, promovendo uma tensão necessária para a construção do conhecimento e para o debate ético na reflexão teórica.

Logo que concluí o mestrado, com a defesa em 2009, fiquei um pouco perdida, sem saber por qual caminho deveria andar. Acabei me matriculando no Doutorado na UCPel, mas ainda com algumas inseguranças e insatisfações pessoais. Já chegava perto dos 25 anos e ainda não havia construído uma vida independente, como desejava. Descobri, em agosto de 2009, que uma universidade federal nova estava em processo de criação, por iniciativa do governo Lula: tratava-se da Universidade Federal da Fronteira Sul, que teria campi no oeste de Santa Catarina, sudoeste do Paraná e noroeste do Rio Grande do Sul. Acompanhei atentamente o processo de sua criação e, em dezembro de 2009, fiz concurso para a UFFS. Fui aprovada e nomeada para o Campus de Realeza, no Paraná, onde trabalharia no Curso de Licenciatura em Letras-Português e Espanhol.

Antes de falar sobre como cheguei ao Doutorado na UFRGS, vou comentar rapidinho sobre a minha história como docente: para trabalhar no Paraná, tive que romper meu vínculo como dis-

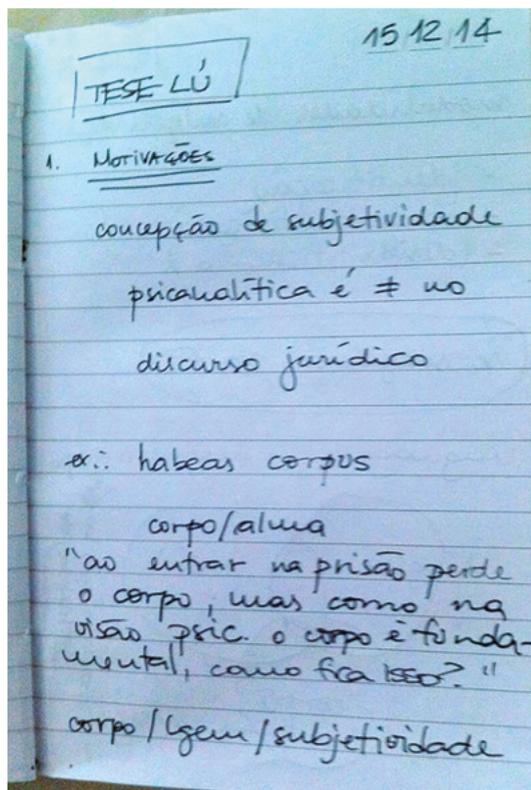
cente do Doutorado em Letras da UCPel. Assim, trabalhei na UFFS de março de 2010 a abril de 2014, quando fui redistribuída para a Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Fiquei lá, atuando na área de língua portuguesa e linguística, durante 2 anos e 3 meses, quando fui nomeada para a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), após realização de concurso. Fiquei na UFPel de julho de 2016 a agosto de 2021. Foi quando entrei na UFRGS, também através de nomeação. Na UFPel, fui credenciada no PPGL no final do ano de 2016, e já tive a oportunidade de orientar 8 mestres, sendo que, atualmente, estou em processo de orientação de 6 doutorandas e de 1 mestranda. Minha experiência, então, na Pós-Graduação, como docente, orientadora e, também, como coordenadora (pois fui coordenadora adjunta do Programa durante mais de um ano), me permitiu solidificar minha produção acadêmica e compreender as relações de orientação, algo tão especial da minha experiência profissional (e pessoal).

Ao longo do meu primeiro ano no Paraná, decidi que devia reingressar no Doutorado, e foi quando comecei a cogitar a realização do Doutorado na UFRGS. Eu havia gostado muito da Profa. Maria Cristina... quem sabe ela me aceitaria como orientanda? A distância era um problema, pois não havia universidade próxima de onde eu morava com Doutorado em Letras na área em que eu queria desenvolver meus estudos. Além disso, eu estava pensando em um projeto sobre corpo e discurso. A Kitty tinha acabado de retornar de um pós-doutorado com Jean-Jacques Courtine, na França, no qual havia desenvolvido um projeto justamente sobre esse tema. Seria destino?

Fiz a seleção para o PPG da UFRGS. Recebi a resposta no dia 21 de dezembro de 2010, no dia em que havia chegado em Pelotas para passar o final do ano, depois de uma longa viagem de 10 horas de carro (sozinha!) de Realeza a Pelotas. Abri a página do PPG e lá estava meu nome. Depois de um ano bastante duro, com a primeira experiência de vida “fora de casa”, morando sozinha e me sustentando, tive uma notícia maravilhosa, que me animou para o recomeço das atividades em 2011, quando passei a viajar uma vez por semana para Porto Alegre para fazer os créditos das disciplinas do Programa. Durante todo o ano de 2011, eu vivi 3 dias da semana em Porto Alegre e 4 dias da semana em Realeza. Às vezes, dormia duas noites por semana no ônibus, amanhecia em Porto Alegre e ia para a aula; em outras vezes, eu ia de carro até Chapecó ou até Foz do Iguaçu, deixava o carro no estacionamento do aeroporto e pegava um voo direto para Porto Alegre. Era uma época em que as passagens aéreas estavam muito baratas... (que saudade das primeiras décadas dos anos 2000!). Muitas vezes, valia mais a pena pegar o avião do que ficar todo aquele tempo no ônibus. Fico pensando em quantas pessoas já não fizeram essas loucuras para alcançarem o sonho da pós-graduação... Conheço várias pessoas que também se aventuraram dessa forma (e nenhuma delas se arrepende disso), mas seria muito bom se os coordenadores dos Programas soubessem dessa realidade e reconhecessem nossos esforços para não deixar a peteca cair, numa tarefa árdua para conciliar trabalho, estudo e viagens. Minha sorte foi ter tido o apoio da Kitty que, mesmo em momentos de dificul-

dades, foi compreensiva e disse as palavras certas para me ajudar.

Minha tese foi defendida no dia 15 de dezembro de 2014. Aqui está uma foto do caderno da minha amiga Tina (Cristina Zanella Rodrigues) com anotações que ela fez no dia da minha defesa:



Vou tentar falar rapidinho sobre o tema da minha tese. Aliás, é um tema que me acompanha até hoje! Tudo começou quando participei de um curso sobre psicanálise ofertado por uma instituição de Curitiba. O curso aconteceu em 2010 e, naquele ano, o objetivo era analisar os textos lacanianos sobre corpo e compreendê-lo na psicanálise. Na primeira aula, o professor aponta

para a diferença entre o corpo no discurso jurídico e o corpo pela perspectiva psicanalítica, o qual não pode ser compreendido separado da subjetividade. Foi aí que eu tive a ideia de trabalhar com pessoas em situação de privação de liberdade, já que, para o funcionamento jurídico, o sujeito teria o corpo retirado de si quando da

entrada na penitenciária (aí estaria a explicação para a peça processual *Habeas corpus*, cujo significado é *que tenhas teu corpo de volta*).

Daí surgiu a proposta de tese: entrevistar mulheres em situação de privação de liberdade e tentar refletir sobre a relação entre corpo e subjetividade através da Análise do Discurso. Surgiram reflexões importantes sobre a relação entre discurso e voz, já que o material de análise era embasado nas entrevistas orais gravadas, bem como foi possível fazer um resgate sobre os principais trabalhos envolvendo o corpo na AD e trazer uma contribuição teórica através da noção de *corpolingagem discursivo*, na qual tentei estabelecer relações entre a concepção de corpo oriunda dos estudos psicanalíticos e o discurso, chegando à relação com a subjetividade e, assim, com o processo de interpelação ideológica.

O meu percurso no Doutorado me trouxe a possibilidade de realizar leituras que ainda não tinha feito e discuti-las com as maiores especialistas no assunto. Fui aluna das professoras Solange Mittmann e Ana Zandwais, além de ter feito disciplina com minha orientadora, professora Maria Cristina Leandro Ferreira. Cada uma possuía uma maneira singular de trabalhar com a AD, e, ainda hoje, carrego seus exemplos na forma como tento conduzir minhas aulas e orientações. Kitty foi a orientadora dos meus sonhos: mostrou paciência quando estive ausente, mas impôs limites quando corri risco de extrapolar os prazos. Fazer doutorado e trabalhar não é tarefa fácil, e Kitty sempre foi muito compreensiva com relação a isso. Me orientou de forma segura e generosa, colocando provocações e discutindo os desenvolvimentos teórico-

-analíticos do trabalho com perspicácia e afeto, o que proporcionou, inclusive, a defesa antes do prazo final. Minha banca contou com as professoras Aracy Ernst e Carme Schons e com o professor Lauro Baldini. O trabalho foi aprovado com nota máxima.

Meu maior ressentimento com relação ao Doutorado se deve ao fato de não ter sido aluna da professora Freda Indursky. Sigo acompanhando seu trabalho através dos textos e das palestras, mas guardo essa falta comigo, especialmente quando escuto relatos de quem foi seu aluno e que menciona a grandeza das aulas de Freda. Quem sabe ainda surge essa oportunidade... ainda tenho esperanças!

A boa notícia é de que, no início de 2022, tornei-me colega de todas as professoras que me formaram, direta ou indiretamente. Solicitei meu credenciamento no PPG de Letras da UFRGS poucos meses após a minha entrada na instituição como docente efetiva, em agosto de 2021, com muito incentivo de meus colegas Fábio Ramos e Solange Mittmann, minha tutora de estágio probatório. Após a inscrição do meu projeto de pesquisa, voltado para relação entre escrita de cárcere, testemunho e discurso, solicitei o credenciamento junto ao PPGL. Bom, acho que dá para imaginar a minha alegria em estar compondo o corpo docente da UFRGS e, mais ainda, o corpo docente do PPG, ao lado de grandes referências para o campo da Análise no Discurso no Brasil: Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira, Ana Zandwais, Solange Mittmann, Luciene Jung de Campos e Fábio Ramos Barbosa Filho.

Antes de encerrar o meu relato, vou fazer uma rápida referência à Análise do Discurso e aos estudos recentes desenvolvidos na

área. Sem medo de ser repetitiva demais, é importante destacar que o lugar de destaque que a UFRGS tem na consolidação da Análise do Discurso no Brasil se deve, dentre outros fatores, ao árduo trabalho da Kitty, responsável por criar o Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), em parceria com a Freda. O evento começou em 2003, em Porto Alegre, e foi crescendo cada vez mais, tornando-se, hoje, o maior evento de AD no Brasil. Os textos apresentados nas mesas-redondas, palestras e simpósios foram publicados em livro, constituindo a memória da constituição da AD no Brasil. São volumes nos quais se encontram as teorizações mais importantes da área, compiladas pelas organizadoras responsáveis pelo evento. Pode-se dizer, portanto, que a UFRGS tem, através das professoras Kitty e Freda, um protagonismo no enraizamento da AD em solo brasileiro, contribuindo para a sua expansão, consolidação e, também, para seus desdobramentos teóricos e analíticos. Atualmente, o evento foi deslocado para a Universidade Federal de Pernambuco, sob a coordenação das professoras Evandra Grigoletto e Fabiele Stockmans De Nardi, ambas egressas do doutorado da UFRGS.

Um dos desdobramentos da teoria que acompanhei foi referente à própria forma como a AD é designada. No início dos anos 2000, lembro-me de ser feita referência à AD como Análise de Discurso francesa; contudo, começaram a acontecer equívocos com relação à outras vertentes que também se autodesignam como vertentes francesas de análises de discurso, o que conduziu para a designação “Análise do Discurso pecheutiana” ou, ainda, “Análise Materialista de Discurso”. Me parece que essas duas designações garantem um

lugar inconfundível para a nossa vertente teórica no âmbito das Ciências Humanas, sendo que, com a designação Materialista, temos a identificação com um campo específico do conhecimento que nos garante a especificidade teórico-analítica tão almejada pela semântica discursiva, calcada na base material para o trabalho com os processos discursivos, considerando a ideologia como parte determinante dos processos de significação. É com isso que se posiciona a AD no campo das ciências humanas, garantindo um lugar específico de teoria não-subjetivista da subjetividade, calcada no materialismo.

Para finalizar este relato, resta manifestar a minha alegria em compor o PPGLetras da UFRGS. Meu objetivo é seguir desenvolvendo pesquisas que estabeleçam relação entre discurso e corpo, agora com as determinações de classe, raça e gênero trabalhando de forma sobredeterminada na compreensão dos processos de significação. Também quero seguir trabalhando com escrita de cárcere, discurso e testemunho, pois estou fazendo outro Doutorado (sim!), agora em Literatura, na FURG, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Coronel, para tentar dar um fechamento ao meu desejo inicial de quando entrei na Letras (conforme mencionei no início deste texto). Aliás, coordenei um projeto de extensão sobre remição de pena pela leitura no Presídio Regional de Pelotas, quando trabalhei na UFPel, sendo do meu interesse trazer a questão carcerária para os debates no âmbito da AD.

Como diz Kitty: “Michel Pêcheux vive!” Manter seu legado e o legado de minhas professoras se torna, portanto, meu maior incentivo no trabalho com AD. Espero que esteja à altura do desafio!

